



Resenha crítica - Análise de Conteúdo

Matheus Nonato Sebadelhe dos Santos; Luiza Olivia Lacerda Ramos; Ana Verena Magalhães Madeira
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Palavras-chave

Análise de Conteúdo;

Resenha Crítica;

Bardin

Keywords

Content Analysis;

Critic Review;

Bardin

Resumo: A presente resenha se propõe a discutir e analisar criticamente a obra "Análise de Conteúdo", de Laurence Bardin. O livro tem como principal objetivo ser um guia para apresentar o que é a análise de conteúdo e o papel que esse conjunto de técnicas pode ter para as Ciências Humanas. Para tal, Bardin divide o seu livro em 4 parte: (i) História e Teoria, focado em discutir o processo histórico que culminou no desenvolvimento da análise de conteúdo; (ii) Práticas, em que a autora apresenta exemplos reais de pesquisa em que a análise de conteúdo foi utilizada, visando demonstrar as relações entre as hipóteses, as técnicas e a interpretação; (iii) Método, onde a autora apresenta as etapas para a realização de uma pesquisa científica utilizando a análise de conteúdo como método; e (iv) Técnicas, onde é apresentado diversas outras técnicas de Análise de Conteúdo utilizando a mesma abordagem da segunda parte, com exemplo de pesquisas reais. Apesar da densidade teórica do tema central, a estrutura da obra favorece a compreensão do método, tornando-a essencial para quem deseja aprofundar-se na análise das comunicações.

Abstract: This review aims to discuss and critically analyze the work "Content Analysis", by Laurence Bardin. The main objective of the book is to be a guide to present what content analysis is and the role that this set of techniques can have for the Human Sciences. To this end, Bardin divides her book into 4 parts: (i) History and Theory, focused on discussing the historical process that culminated in the development of content analysis; (ii) Practices, in which the author presents real examples of research in which content analysis was used, aiming to demonstrate the relationships between hypotheses, techniques and interpretation; (iii) Method, where the author presents the steps for carrying out scientific research using content analysis as a method; and (iv) Techniques, where several other Content Analysis techniques are presented using the same approach as in the second part, with examples of real research. Despite the theoretical density of the central theme, the structure of the work favors the understanding of the method, making it essential for anyone who wants to delve deeper into the analysis of communications.



O livro “Análise de Conteúdo” é uma obra clássica que se propõe a apresentar e discutir as técnicas de investigação que o nomeia. O presente texto analisa-o criticamente visando contribuir com interessados nos estudos e na compreensão de um tema, por vezes, considerado denso. A obra foi escrita pela pesquisadora e professora de Psicologia da Universidade Paris V, Laurence Bardin, em 1977. Segundo a autora,

este livro pretende ser um manual, um guia, um prontuário. Tem como objectivo explicar o mais simplesmente possível o que é actualmente a análise de conteúdo e a utilidade que pode ter nas ciências humanas (Bardin, 2015, p. 12).

Trata-se de uma obra com 280 páginas, que incluem Introdução e Prefácio e em seguida, quatro partes assim organizadas: (i) História e Teoria; (ii) Práticas; (iii) Métodos; (iv) Técnicas.

O primeiro capítulo da parte I, Exposição Histórica, apresenta a linha do tempo da Análise de Conteúdo. A autora explica que essa técnica científica surgiu nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, vinculada ao contexto das guerras mundiais e à análise de suas propagandas. A necessidade de uma interpretação objetiva em Psicologia e Sociologia também impulsionou seu desenvolvimento, levando à exigência de objetividade que alcança a linguística.

Bardin destaca que, entre 1940 e 1950, a análise de conteúdo foi usada pelo governo dos EUA para interpretar simbologia política em jornais, marcando a sistematização das regras. Nas décadas de 1950 e 1960, a técnica se expandiu para Etnologia, História e Psiquiatria. De 1960 a 1975, a popularização do computador nas Ciências, estudos sobre comunicação não-verbal e avanços linguísticos impactaram a Análise de Conteúdo.

Esse primeiro capítulo é fundamental para entender a evolução da técnica até seu estágio atual. Compreender sua trajetória histórica é essencial para um entendimento profundo da técnica hoje. Em um capítulo metalinguístico, Bardin analisa a história da técnica, fundamentando sua exposição com pesquisas da época e dialogando com os contextos das décadas de seu desenvolvimento.

O segundo capítulo da parte I diz respeito à definição da Análise de Conteúdo e sua relação com outras ciências. A autora afirma que a Análise de Conteúdo se apresenta como um conjunto de técnicas que busca, por meio de uma análise minuciosa, recusar e superar a superficialidade dos discursos, evitando análises imediatas e rasas.

Em seguida, Bardin (2015), descreve as duas principais etapas da Análise de Conteúdo: a descrição analítica, responsável pelo tratamento da informação contida nos textos analisados, e a inferência, ou seja, a interpretação das informações. Portanto, com base nestas duas etapas, Bardin conceitua a análise de conteúdo como

Um **conjunto** de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2015, p. 44, grifo nosso).

A primeira parte do livro contextualiza o leitor sobre os acontecimentos históricos que levaram ao desenvolvimento da Análise de Conteúdo, destacando a influência das questões sociais, políticas, culturais e históricas no desenvolvimento científico. No entanto, dedicar uma seção inteira ao percurso histórico falha em mostrar como a Análise de Conteúdo influenciou outras técnicas de análise das comunicações.

Concordamos com Sampaio (2021) que, no Brasil, a Análise de Conteúdo ainda segue o que Bardin escreveu em 1977, resultando em concepções desatualizadas, fato que nos motivou a este estudo e posterior resenha do livro. Mesmo considerando que esta concepção foi discutida e revisada pela comunidade científica nos últimos 30 anos, levando ao desenvolvimento de técnicas como a Análise Textual Discursiva e a Análise do Discurso, ainda é bastante presente em pesquisas acadêmicas de áreas diversas.

A segunda parte do livro, intitulada "Práticas", tem como foco apresentar a um estudioso iniciante, exemplos reais em que esse conjunto de técnicas foi utilizado, a fim de demonstrar as relações entre as hipóteses, as técnicas e a interpretação. Segundo a autora, a importância desse capítulo se dá pelo fato de que a "formação em Análise de Conteúdo se faz pela prática". Para isso, a Bardin utiliza-se de quatro exemplos: análise dos resultados em um teste de associação de palavras; análise de respostas a questões abertas; análise de comunicações de massa e análise de entrevistas.

A terceira parte, denominada "Método", é a mais importante do livro. Nela, a autora apresenta as etapas do método: i. Organização da Análise; ii. Codificação; iii. Categorização; iv. Inferência; v. Informatização da Análise das Comunicações.

No capítulo Organização da Análise, a autora apresenta as três fases da análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento de dados, propondo-se a discutir e explorar a primeira delas. As fases de exploração do material e tratamento de dados são discutidas com mais detalhes nos capítulos seguintes.

A pré-análise é o momento em que os documentos e/ou textos a serem trabalhados são apropriados, a fim de sistematizar as ideias iniciais. Ela está no limiar entre o intuitivo e o sistematizado, em que o olhar inicial, deve ser complementado e superado por um olhar analítico. A primeira atividade da pré-análise, a leitura flutuante, estabelece o primeiro contato com os documentos, de maneira ainda intuitiva, mas, aos poucos, se torna mais precisa, à medida que hipóteses e objetivos vão surgindo e o referencial teórico começa a dialogar com o material escolhido.

Junto à leitura flutuante, encontra-se o momento de escolha dos documentos que irão compor o *corpus* da pesquisa. Essa escolha segue regras, que podem ou não se complementar: (i) exaustividade - todos os documentos referentes àquele campo devem ser escolhidos e posteriormente analisados; (ii) representatividade - apenas uma amostra é o suficiente para compor o *corpus*, desde que essa amostra cumpra bem essa finalidade; (iii) homogeneidade - os documentos devem obedecer a critérios de escolha; (iv) pertinência - os documentos escolhidos devem estar alinhados com a pergunta e objetivos da pesquisa, ou seja, devem ser pertinentes para a análise.

Após a escolha dos documentos e início da leitura flutuante, o pesquisador deve formular as hipóteses *a priori* ou *a posteriori*. Faz-se necessária a escolha de marcadores que terão como função “fazer o texto falar”, como palavras, onomatopeias, etc, e a sistematização em indicadores, que serão fundamentais para a etapa da categorização.

Ao descrever a Codificação, a autora defende que é o processo de transformação, realizado sistemática e rigorosamente, dos dados presentes nos textos. Este processo tem como objetivo uma representação do conteúdo, sendo o momento em que os dados presentes no texto serão transformados e reunidos em unidades que, posteriormente, serão utilizados como evidências para a pesquisa.

O capítulo discorre, sobre as etapas presentes no processo de codificação, que tem, na primeira etapa, o recorte: a seleção criteriosa das unidades de registro e de contexto. As unidades de registro desempenham o papel de orientar o pesquisador na identificação das informações pertinentes para responder às questões de pesquisa, tais como palavras-chaves, temas recorrentes, entre outros. Por sua vez, as unidades de contexto indicam os locais dentro do texto em que as unidades de registro serão identificadas, abrangendo desde parágrafos completos até estruturas frasais específicas.

Após a etapa de registro, a análise prossegue com as regras de enumeração, nas quais os pesquisadores realizarão a contabilização das unidades de registro. Neste sentido, a autora detalha diferentes métodos de contagem que podem ser empregados, os quais são selecionados pelos pesquisadores com base nas perguntas, objetivos e hipóteses da pesquisa. Por fim, a última etapa consiste na escolha das categorias, à qual a autora dedica um capítulo exclusivo devido à considerável complexidade processual.

O capítulo 3 da terceira seção é dedicado à descrição do processo de categorização, no qual os componentes das mensagens, denominadas unidades de registro, são agrupados em classes de acordo com características comuns, que podem ser definidas *a priori* ou *a posteriori*. Segundo a autora, a categorização envolve duas etapas: o inventário, que consiste no isolamento dos elementos, e a classificação, que compreende a distribuição dos elementos visando conferir organização às mensagens.

Bardin também descreve quais qualidades são essenciais, na análise de conteúdo, para a construção de boas categorias, sendo elas: a exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade, e produtividade. O capítulo prossegue com uma série de exemplos de conjuntos categoriais, visando facilitar a compreensão dos leitores e auxiliá-los nas suas próprias análises.

O quarto capítulo desta seção trata do processo de inferência. Não basta apenas codificar e categorizar a mensagem, esses são apenas passos preliminares para a etapa mais importante da pesquisa, a interpretação. Para discutir este tópico tão fundamental na Análise de Conteúdo, Bardin aborda inicialmente o tema sob uma perspectiva teórica e, em seguida, demonstra essas ideias por meio de exemplos práticos. No que diz respeito a teoria, trabalha com os pólos de inferência, ou seja, os agentes no processo comunicativo cuja interpretação podem entregar resultados importantes para a continuidade de uma pesquisa. Por fim, no capítulo cinco da parte 3, a autora se dedica ao processo de informatização da análise das comunicações.

Por fim, na última parte do livro, "Técnicas" a autora apresenta diversas outras técnicas de Análise de Conteúdo utilizando a mesma abordagem da segunda parte, com exemplo de pesquisas reais. Exceto pela Análise Categral, discutida ao longo do livro, esta seção detalha outras técnicas: Análise de Avaliação, Análise da Enunciação, Análise Proposicional do Discurso, Análise da Expressão e Análise das Relações.

Apesar da densidade teórica do tema central, a estrutura da obra favorece a compreensão do método, tornando-a essencial para quem deseja aprofundar-se na análise das comunicações. Por outro lado, o livro é complexo, exigindo dos iniciantes disposição para superar seus conceitos mais profundos. Recomenda-se lê-lo mais de uma vez e complementar a leitura com outras obras, como a de Souza e Santos (2020), que trata da análise de conteúdo com uma linguagem mais clara e objetiva.

A Análise de Conteúdo, como técnica, suscita reflexões e críticas construtivas, que depende das interpretações subjetivas do pesquisador, o que pode induzir vieses e limitar a generalização dos resultados. Além disso, invisibiliza frequentemente o contexto social, político e cultural em que os dados foram produzidos, focando apenas no texto, o que pode gerar interpretações simplistas e reduzidas em estudos complexos.

A partir da resenha desta obra, é possível também perceber a sua tendência em privilegiar a análise de textos escritos, invisibilizando outras linguagens baseadas em imagens estáticas, vídeos, áudios e expressões gestuais e até corporais, o que limita a aplicabilidade da Análise de Conteúdo em contextos em que essas formas de comunicação são predominantes. Embora seja amplamente utilizada, é importante reconhecer as limitações e os desafios que esta abordagem enfrenta.

Combinar a Análise de Conteúdo de textos escritos com informações de entrevistas, relatos orais, desenhos e imagens, além de outras análises, permite uma compreensão mais ampla do fenômeno, reduzindo a dependência da interpretação textual. O uso de teorias das ciências sociais e culturais com abordagem crítica ajuda a evitar interpretações simplistas e explorar influências contextuais nos dados.

Encerramos convidando os leitores a enfrentarem essas questões criticamente e a aprofundar seu entendimento sobre a técnica, utilizando esta obra e outras abordagens complementares.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

SAMPAIO, R. C. No Brasil, Análise de Conteúdo é sinônimo de Bardin e porque isso é um problema. **IBPAD - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados**, Brasília, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/DPrX>. Acesso em: 31 maio 2024.

SOUZA, J. R. DE; SANTOS, S. C. M. DOS. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate Em Educação**, v. 10, n. 2, 1396–1416, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/DPrO>. Acesso em: 31 maio 2024.